

## ENTREVISTA - DR.ª MANUELA SILVA

### “ESTA CRISE PODE DAR UM NOVO RUMO AO DESENVOLVIMENTO”

O Toque de Saída foi ao encontro da Dr.ª Manuela Silva, sobejamente conhecida pela população beneditense que ainda tem memória do ano de 1962, em que a Equipa de Estudo e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário interveio na Benedita, que se deslocou ao Centro Cultural Gonçalves Sapinho, no passado dia 14 de janeiro, a fim de participar numa iniciativa do Rotary Club Benedita de assinalação do 50.º aniversário da experiência do Desenvolvimento Comunitário na Benedita.

Maria Manuela da Silva, nascida em 1932, em Cascais, é licenciada em Economia pelo Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade Técnica de Lisboa. Iniciou a sua vida profissional com o projeto de investigação sobre a estrutura dos salários na indústria portuguesa, o qual lhe permitiu ingressar no Ministério das Corporações, nos Serviços de Ação Social, desempenhando aí a tarefa de defender as condições de trabalho das mulheres e organizá-las, constituindo secções femininas nos sindicatos. Promoveu a promulgação das leis laborais de proteção das mulheres e da maternidade.

Em 1961, frequentou, em Paris, um curso de Desenvolvimento Comunitário. Regressada a Portugal, criou uma equipa de estudo e experimentação de novas técnicas de desenvolvimento comunitário. Após a criação desta equipa (que integrava técnicos de vários ministérios), tornou possível a experiência de desenvolvimento comunitário que incentivou o progresso de localidades como a Benedita. Criou também um serviço de promoção social comunitária, no Instituto de Apoio à Família, do Ministério da Saúde, que dirigiu até 1970 em simultâneo com a direção do Gabinete de Estudos Sociais no mesmo Ministério.

Desde o ano de 1970 até ao ano de 1993, foi professora convidada no Instituto Superior de Economia e Gestão, com uma interrupção em que assumiu o cargo de Secretária de Estado para o Planeamento, no I Governo Constitucional. Presidiu ao Instituto de Tecnologia Educativa (responsável pela telescola), entre 1974 e 1975. Lecionou no Instituto Superior de Economia e Sociologia, em Évora, entre 1970 e 1974.

Autora de várias obras no domínio da economia e das questões sociais, dirigiu ainda a Revista de Estudos de Economia do ISEG.

Presidiu ao Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos (1983-87) e à Comissão Nacional Justiça e Paz (2005-08).

Atualmente, é presidente da Fundação Betânia, vogal do Conselho Geral da Universidade Técnica de Lisboa e vogal do Conselho Geral do Montepio. É agraciada com a Grã Cruz do Infante Dom Henrique.

Apresente-nos o contexto em que lhe surgiu a temática do desenvolvimento comunitário.

A experiência de desenvolvimento comunitário foi inspirada no curso que frequentei em Paris, no ano de 1960. Assim que regressei a Portugal, julgava trazer um conjunto de conhecimentos nessa área que seria, no nosso país, bastante inovador. Em Paris, além de ter adquirido conhecimentos sobre desenvolvimento comunitário, contactei com

por onde passavam temáticas que, sem porem em causa o regime, nos abriam novos horizontes de mudança. Aí aprendi a interessar-me pelas questões sociais.

Lembrei-me agora de um episódio caricato. Fui a aluna melhor classificada do meu curso, o que me permitiu enveredar pelo ensino universitário.

Contudo, o professor da cadeira de Economia não me escolheu como assistente, com o argumento de que, devido ao facto de ser mulher, não seria capaz de impor disciplina.

Como é que a experiência comunitária surgiu na Benedita? O melhor, que critérios levaram à seleção da Benedita como localidade-piloto para a Equipa de Estudo e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário intervir?

Isto deveu-se ao facto de termos conhecimento de um estudo que foi feito sobre a zona oeste da serra dos Candeeiros, bem como ao contacto com a dissertação da socióloga, Maria Susana Gaspar de Almeida, intitulada *A condição da mulher numa paróquia rural de Portugal – Benedita*, o que nos foi muito útil. Deveu-se ainda ao meu relacionamento com o Cónego Serrazina que, tal como eu, pertencia ao movimento de Ação Católica, e que desempenhou na perfeição o papel de intermediário com a população, devido ao seu carisma e espírito de liderança. Foi também importante o conhecimento que tivemos do espírito colaborativo da população beneditense, que se tornou bem visível na construção da nova igreja. Finalmente, tivemos ainda conhecimento da existência de atividade artesanal, que também pesou na nossa escolha.

A nossa equipa não interveio apenas na Benedita, nós escolhemos também o Bárrio, no concelho de Alcobaça, por ser, então, uma zona exclusivamente rural.

Diga-nos quais eram os principais objetivos da experiência de desenvolvimento comunitário operada na Benedita e qual o seu grau de consecução.

Tratava-se de uma experiência com os seguintes objetivos: promover o desenvolvimento local com a participação das pessoas da terra; procurar saber em que medida a técnica do desenvolvimento comunitário poderia ser transposta para Portugal (objetivo de cariz mais teórico ou investigativo) e adquirir conhecimentos para generalizar a experiência a outras zonas do país. Os objetivos foram notoriamente cumpridos.

Em que medida o Externato Cooperativo da Benedita é um reflexo dessa experiência e, concomitantemente, serviu de motor de continuidade do desenvolvimento?

Foi muito importante. A metodologia utilizada por nós consistia em auscultar as necessidades da população e procurar dar resposta a essas mesmas necessidades. Então, observou-se, por exemplo, que as crianças que prosseguiam estudos além da quarta classe, estudavam fora, tinham de se des-



experiências que haviam sido realizadas em alguns países de África e da América Latina. Sabendo que a realidade portuguesa era significativamente diferente da desses países, não esmoreceu o desejo que tinha em empreender atividades nesse âmbito.

Por estas razões, em 1962 constituiu uma equipa pluridisciplinar, que reunia técnicos cedidos por diferentes serviços do Estado, que chegaram até mim devido à confiança que sentiram neste projeto. Destaco que o país vivia numa ditadura, apesar de se fazerem sentir ventos de mudança.

Como explica o seu interesse pelos estudos em desenvolvimento comunitário?

Sempre fui uma pessoa motivada pela fé e pelo empenhamento em movimentos cristãos no sentido de poder contribuir para o bem público. No começo dos anos 1960, existia uma consciência por parte de alguns intelectuais de que o país era subdesenvolvido, relativamente à Europa, e julgavam ser necessário contribuir para o desenvolvimento do país. Por outro lado, esse meu interesse deveu-se também à minha formação católica através do Movimento de Ação Católica, a Juventude Universitária Católica.

Ter ingressado no Gabinete de Estudos Corporativos, presidido pelo Professor Pires Cardoso, permitiu-me colaborar na revista deste Gabinete, que as crianças que prosseguiam estudos além da quarta classe, estudavam fora, tinham de se des-

locar para Alcobaça, Rio Maior ou até Leiria. Perante esta necessidade, a equipa ajudou a conceber um projeto que a surpreendeu. O papel da nossa equipa consistia em despertar a consciência da população acerca das suas necessidades e dos seus recursos, de modo a promover um desenvolvimento económico, social e cultural.

A população queria um liceu, mas à equipa sempre pareceu ser mais interessante apostar-se num ensino técnico-profissional. De facto, houve grande interesse e empenhamento por parte da população em criar um externato e a correspondente cooperativa.

**Em que projetos é que está atualmente envolvida?**

Tenho um projeto ligado à Fundação Betânia de que sou fundadora e presidente. A Fundação Betânia pretende promover uma espiritualidade que valoriza a relação da pessoa consigo mesma, com os outros, com a natureza e com o transcendente.

Coordeno o Grupo “Economia e Sociedade” no âmbito da Comissão Nacional Justiça e Paz e também integro uma rede de investigadores e professores, designada “Economia com futuro”. Num e noutro caso, procuro estar atenta a questões inerentes à erradicação da pobreza, à correção das desigualdades, ao favorável desenvolvimento humano sustentável, defendendo uma economia que não se deixe dominar pelo lucro, mas que regresse às suas raízes, ou seja, uma economia ao serviço das pessoas e do desenvolvimento dos povos.

Convidado a visitar os blogues *Areia dos dias* (<http://areiadossdias.blogspot.com/>) e *Ouvido do Vento* (<http://ouvidovento.blogspot.com/>), onde encontrarão as ideias e projetos que me preenchem neste momento.

**Quando a sua equipa chegou há 50 anos à Benedita, ter-se-á confrontado com uma terra diferente da que é hoje, em que as pessoas viviam de forma bem mais modesta. Contudo, vovidos 50 anos, depois da população beneditense ter disfrutado da experiência de desenvolvimento comunitário, eis que os sinais de crise parecem ter-nos trocado as voltas.**

A presente crise não é só financeira, afeta a economia, a vida social das pessoas e organizações e tem um carácter sistémico. Contudo, esta crise pode dar um novo rumo ao desenvolvimento.

Entrevista realizada pelos professores Clara Peralta, Conceição Raimundo e Valter Boita

## OS 50 ANOS DA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DA BENEDITA

Num período de crise, como o que hoje vivemos, é demasiado fácil esquecer tudo o que foi conseguido e o significado dos progressos alcançados. Na comemoração dos cinquenta anos do inicio da experiência de desenvolvimento comunitário da Benedita, convém recordar e contextualizar as profundas mudanças que ocorreram nesse período e alteraram para sempre a vida na Benedita.

No início dos anos sessenta, Portugal era um país onde começavam a surgir modestos sinais de desenvolvimento e algumas “janelas” se iam abrindo para o progresso.

Abandonado o modelo agrário, o regime dava sinais de abertura. Foram os fundos do Plano Marshall, de que também Portugal beneficiou, os Planos de Fomento, a entrada na EFTA, a saída de estudantes para universidades europeias, os movimentos progressistas católicos, a intensificação da industrialização ao redor de Lisboa e Porto e o êxodo rural, entre outros fatores.

Por essa altura (e por motivos estranhos a Portugal, como as independências que se seguiram à II Guerra Mundial), afirmava-se um movimento da Ciência Económica orientado para a compreensão dos processos de Desenvolvimento. Surgiam expressões como subdesenvolvimento e crescimento dualista, troca desigual, etc., que fizeram percurso e dominaram várias escolas de pensamento económico. Crescia a Teoria dos Polos de Desenvolvimento. É, aliás, nestas teorias que longinquamente radicam as atuais teses pós-modernas do desenvolvimento autocentrado.

Estas preocupações, conquanto mundiais, também encontravam campo de análise em Portugal. O país estava em crescimento. No entanto, esse processo era lento e desigual. Num país predominantemente rural e ilustrado, anquilosado, surge a vontade de experimentar os modelos que a teoria propunha. Apoiado nos trabalhos da Prof.ª Maria Manuela Silva e na recente Equipa de Desenvolvimento Comunitário, dá-se inicio à experiência na Benedita.

Esta experiência segue ao pé da letra o modelo teórico. Primeiro, as técnicas de ação social empenham-se na deteção das necessidades reais da população, através de inquéritos dirigidos às mulheres, mães de família, cientes dos anseios sociais e da realidade económica. Identificam-se os líderes locais que se incluem no projeto, explicando os seus objetivos (Pároco, Regedor, Presidente da Junta de Freguesia, as elites); segue-se a conquista do espaço público (os homens) e a identificação dos líderes informais, influenciadores da opinião pública; a relação entre os líderes formais e informais é crucial, dali a importância da frequência da igreja e das associações já existentes.

De seguida, a equipa multidisciplinar (médicos,

economistas, técnicos agrários, ...) pode comunicar através de assembleias abertas e formar comissões locais que se responsabilizam pela sua área de atuação. O projeto baseia-se na organização e dinâmica local, na correta identificação das necessidades (sociais, culturais, económicas, de acessos, ...), no apoio técnico e de gestão, na definição e ampliação de escala dos processos de trabalho, na formação de mão-de-obra. Muito pouco na injeção direta de capital, daí a ideia do associativismo, que potencia o capital existente, mas disperso e, consequentemente, sem escala. Depois, a dinâmica está iniciada e os automatismos de crescimento começam a funcionar.

Finalmente, e determinante, o aspecto psicológico. É imprescindível que a população tenha vontade de mudar e acredite nas suas capacidades. Terá sido este o aspecto que determinou o sucesso da experiência. É extraordinário e comovente o relato dos esforços coletivos para a construção da igreja nova. Muito polémica, ao tempo, mas reveladora do espírito determinado e cooperativo da população. E da liderança de dois párocos sucessivos. Provavelmente, se não tivesse existido o movimento de construção da igreja, a população não teria consciência do poder que a concorrência do esforço de todos poderia alcançar e não teria acreditado que podia mudar de forma radical o seu estilo de vida. Podemos considerar, assim, que a experiência resultou porque o terreno para o projeto foi bem esculpido.

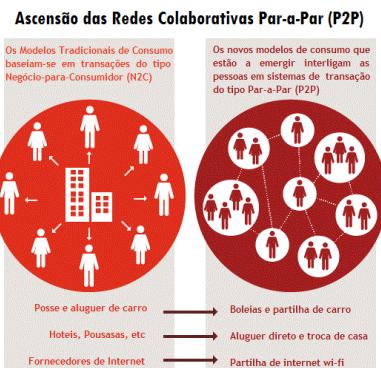
Foram muitas as conquistas. A indústria, a exploração, a agropecuária, o Externato e a escolarização generalizada (especialmente das mulheres), a saúde pública e assistência materno-infantil, as vias de comunicação, o desenvolvimento do comércio e das associações culturais, a abertura de bancos, o corpo de bombeiros, entre muitas outras. A maioria delas, com base associativa e cooperativa.

Hoje, muitos anos passados, a Benedita não é mais um campo de experiência. Os esforços de todos são vitoriosos. Completamente integrada no todo nacional, os seus produtos vendem-se por todo o mundo, os jovens encontram-se nas escolas e empresas mais prestigiadas, tem um lugar no desenvolvimento português e pode continuar a contar com as sementes então lançadas para vencer os desafios que hoje e sempre se lhe colocam.

Professora M.ª Conceição Raimundo

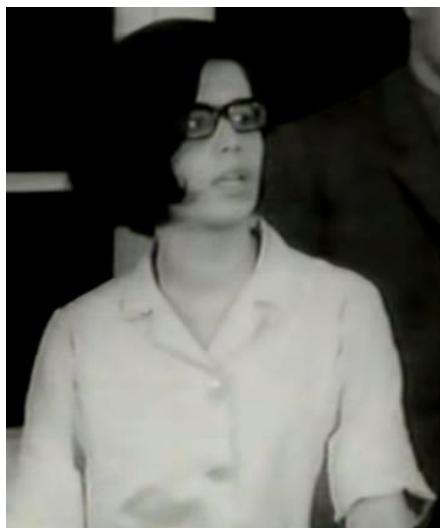
*Líderes informais*

## A FORÇA DE UM POVO



Rancho do Taveiro

**“Esta Crise pode dar um novo rumo ao desenvolvimento”**



Cortejo de agariação de fundos para a construção da Igreja Nova.

freguesia, porque algumas pessoas estão cansadas de dar dinheiro para as obras da igreja e acham que apenas se devem acabar as da igreja velha sem pensar em fazer uma nova. Outras concordam que o caminho certo é fazer uma nova igreja. Entre discussões, debates e campanhas a favor e contra é convocada uma consulta popular para que o povo se possa expressar livremente.

É interessante constatar que a esmagadora maioria da população (cerca de 90%) vota a favor de uma igreja nova.

Passados alguns dias “do altar abaixo”, o padre Inácio Antunes anuncia, perante a estupefação de muitos paroquianos: “Quem quiser acreditar, acredite; quem quiser não acreditar não acredite”... “Mas o que é certo é que a igreja vai ser construída”.

Nesse mesmo ano o arquiteto Lícílio Cruz faz o projeto, que é entregue ao construtor Júlio Cismeiro.

Muito bem, a declaração do Padre Inácio tinha sido feita, o projeto estava pronto e o construtor contratado. Mas faltava o essencial: o dinheiro para a obra. E é aqui que entra o espírito de solidariedade e força deste povo beneditense que une rapidamente toda a comunidade.

Durante o corrente ano estão previstas diversas atividades de comemoração dos 50 anos da vinda para a Benedita de um grupo de trabalho, liderado pela doutora Manuela Silva, que iniciou o chamado “desenvolvimento comunitário”.

Todo o enfoque é colocado nesse movimento externo esquecendo um pouco o povo desta freguesia paupérrima, mas dono de uma força e vontade ferreas. Teremos de recuar alguns anos para termos a noção da força deste povo.

Neste artigo falaremos, essencialmente, da Igreja Paroquial da Benedita (a igreja velha e a igreja nova) e no trabalho e empenho da comunidade local.

Em 1856, o então pároco José da Silva (beneditense), preside a uma comissão formada por alguns paroquianos para dar início a um projeto a que foi dado o nome de “Obras de acréscimo da igreja”. Nesse mesmo ano iniciaram-se as obras que se prolongaram pelo ano 1857. É interessante saber que o valor destas obras foi de 1.294.000 réis e que as madeiras utilizadas nas mesmas foram cortadas nas matas do Estado com autorização real.

Desde esta intervenção passaram-se 83 anos durante os quais a população da Benedita quase triplicou e a velha igreja deixou de ter capacidade e condições para celebrar, com a devida dignidade, as festas religiosas e as celebrações do calendário litúrgico.

Assim, em 1941, o pároco da Benedita, padre José Susano Coelho, reuniu alguns homens com influência na terra, mas especialmente apoiado pelo povo, deu início aos trabalhos.

Não podemos esquecer que em 1941, a Europa estava envolvida na II Guerra Mundial e os tempos eram muito difíceis. As dificuldades e a pobreza eram a realidade do dia a dia, especialmente, nas pequenas aldeias portuguesas. Mesmo assim, as obras da Igreja Velha foram progredindo até o ano de 1951, altura em que foram suspensas pela total falta de capacidade de ajuda do povo beneditense.

É, precisamente, em 30 de Março de 1951 que chega à Benedita o padre Inácio Rodrigues Antunes, homem empreendedor, dinâmico e impulsor da vida social e material da nossa terra, que começa por se pronunciar lamentando a precariedade das instalações, ao mesmo tempo que começa a sugerir a construção de uma igreja nova.

Esta sugestão gera uma grande polémica na

Destes grupos que se organizaram por toda a freguesia, destacamos o da Benedita (centro) e o do Taveiro que aparecem nas fotos.

Finalmente, a 15 de agosto de 1955 o povo reúne-se para a inauguração daquela que, ainda hoje, é chamada de *Igreja Nova*.

O custo desta igreja foi de 3.000 contos e, devemos lembrar, que foi construída sem qualquer auxílio oficial, quer da parte da Igreja, quer da parte do Estado.

Concluindo, foi a força deste povo que permitiu e uniu comunitariamente todos sem exceção, preparando o terreno para o desenvolvimento comunitário que chegaria à Benedita em 1962. Curiosamente, foi também nesse mesmo ano que a igreja velha foi demolida, perdendo a Benedita um património recheado de objetos litúrgicos, sinos, quadros, “santos,” azulejos, talhas douradas, relíquias e, até, o ouro de Nossa Senhora da Encarnação.

Professora Maria José Jorge